Doutor Fausto
Thomas Mann

A obra "Doutor Fausto" é uma retomada do velho mito medieval do Dr. Fausto, que conta a história de um homem que vende a alma ao Diabo (via de regra, apresentado como o tal do Mefistófeles, que é um Diabo especialista nesse negócio; nesse livro, porém, Mann não fala em Mefistófeles, mas em Diabo, genericamente falando).

Nós temos sobre este livro informações muito exatas, porque Thomas escreveu um outro livro, chamado "Romance de um romance", em que ele faz a crônica de como escreveu o Doutor Fausto. Por isso, nós sabemos, por exemplo, que ele foi escrito entre 23 de Maio de 1943 e 29 de Janeiro de 1946. Sabemos também que, nesse intervalo, Mann teve um problema pulmonar seriíssimo, sofreu uma intervenção cirúrgica (na época considerada de alto risco) e quase morreu. Esse livro foi escrito nos Estados Unidos, tendo Mann, logo após concluir a obra, ido para a Suíça, onde terminou seus dias (em 1955).

Esse é um livro maravilhoso e delicioso de ler. O único probleminha técnico dele é que ele fica falando de música o tempo todo. Então, é preciso ter um pouquinho de cultura musical para você não ficar sentindo que foi convidado para a festa errada. Thomas Mann era aficionado por música (erudita, bem entendido) e há, no livro, inúmeras personagens tiradas do mundo real. Ele usa muito vocabulário de música erudita e, para quem não tem o hábito, parece um pouco chato, mas não é, não. É um livro muito bom de ler, fascinante, e que conta a história de um maestro, chamado Adrian Leverkühn. A vida desta personagem é contada por um amigo, chamado Serenus Zeitblom; tanto que o livro chama-se "Doutor Fausto: a história do compositor Adrian Leverkühn contada por um amigo". Esse é o subtítulo do livro. Esse Adrian Leverkühn é a personagem central da obra e é ele quem vende a alma ao diabo. O "Doutor Fausto" na verdade não aparece aqui. Ele é apenas uma das obras do Adrian, que aparece lá no fim. Doutor Fausto é uma obra do compositor.

Agora, olhem que interessante. O Serenus conta a história como narrador no mesmo momento em que Thomas Mann escreve a história como autor. O livro começa dizendo: "Eu, Serenus Zeitblom, em 1943, vou contar para vocês a história de Adrian Leverkühn". Então, se vocês sugerirem que há algo de Thomas Mann no Serenus Zeitblom vocês têm toda a razão. Só cuidem para não achar que é uma espécie de relato autobiográfico geral, porque não é.

O Otto Maria Carpeaux, que não gostava muito do Thomas Mann, diz que esse livro tem características épicas e que, nesse livro, Mann

chegou a alturas inigualadas por qualquer de seus contemporâneos. Vindo de quem vem, é muito elogio.

O livro começa dois anos depois da morte do compositor Adrian Leverkühn. Serenus começa a história dizendo que foi amigo de infância de Adrian e teve a oportunidade de conviver longos anos com este jovem precoce e brilhante, bem como de testemunhar sua intensa solidão.

Adrian é retratado como um sujeito estranho: solitário, misantropo e avesso a quaisquer contatos afetivos - embora muitíssimo talentoso. Musicalmente falando, era (ou tornara-se) um dodecafônico (o que levou algumas pessoas a suporem que Mann estaria fazendo um "roman à clef" sobre a vida de Arnold Shöenberg, criador da dodecafonia, o que, no entanto, não era o caso). Adrian nasceu em 1885, era luterano e dedicou-se a estudos teológicos antes de se aprofundar na música. Seu pai dedicava-se a estudar biologia e livros ligados ao misticismo, à alquimia e à magia.

Cumpre explicar, só para termos uma certa uniformidade lingüística, o seguinte: toda magia é baseada na idéia de que, além do mundo físico, existe um mundo sutil, que está em torno deste mundo, e que produz fenômenos estranhos, de uma outra ordem, não facilmente compreensíveis pelo mundo físico. A idéia da magia é que, por meio de palavras e fórmulas, é possível produzir efeitos deste mundo sutil no mundo material em que nós vivemos. Esta é a essência da magia e de todo tipo de bruxaria. Todas elas têm esta mesma base.

Isso começa na época da construção do templo de Salomão. Salomão, quando faz o primeiro templo, por volta do ano 600 ou 700 a.c., chama um arquiteto estrangeiro (chamado Hiran), o qual fez o templo ficar em pé por meio de uma palavra mágica – que não era "financiamento bancário", "Bnh", "Célula penhoratícia", etc. Era uma palavra mágica que ninguém mais conhecia. Um grupo de fulanos, loucos para conhecer a palavra, mataram o sujeito com o fito de descobrir o segredo. A mais antiga tradição dita maçônica seria um esforço para descobrir qual é essa palavra. Na realidade, essa é uma maneira pobre de olhar para a maçonaria, porque, afinal, montar um negócio deste para procurar uma palavra cujo único cara que sabia morreu, é estranho. Então, ela teve outras fontes e outros intuitos também. De qualquer modo, toda magia é um processo de intervenção no mundo sutil para que ele produza efeitos no mundo material por meio de fórmula e palavras secretas. O mundo sutil é que mexe no mundo material.

Portanto, na família de Adrian, havia um histórico de interesse por esta espécie de assunto. Um dado importante da história é o seguinte: quando jovem, Adrian ouviu uma palestra de um professor de música em que o mesmo separava arte e religião - ao contrário do

que faz, por exemplo, T.S.Eliot, o qual, em seu ensaio “Notas para um definição de cultura”, afirma que toda cultura, sem exceção, tem base religiosa. Adrian, porém, comprou inteiramente a idéia daquele seu professor (que divorciava estas duas esferas). É aí que surge a primeira opinião, digamos, “perigosa” de Adrian. Na ocasião, ele tinha 14 anos.

Na seqüência, porém, Adrian, contrariamente a essa sua precoce opinião, vai estudar teologia e não música, por achar, nesse momento, ser a música, de algum modo, menos que a teologia. Zeitblom, que é dois anos mais velhos que Leverkühn, vai estudar filosofia. Na universidade, Adrian conhece e deixa-se influenciar por professores com idéias maniqueístas – teoria segundo a qual Bem e Mal são duas forças de algum modo equivalentes e que disputam a primazia do mundo – as quais são a base de tudo quanto é idéia satanista.

Adrian conclui o curso de teologia, mas opta por dedicar-se integralmente à música, atentando, sempre, para os aspectos iniciáticos da música. Ele, num dado momento, compara a música com os experimentos dos alquimistas e nigromantes. A composição musical, para Adrian, portanto, seria algo como uma bruxaria.

Depois, acontece um fato pitoresco e crucial: Adrian, de um modo obsessivo, busca por várias cidades européias uma prostituta de jaqueta espanhola, chamada Esmeralda, da qual fugira um ano antes ao entrar num bordel por engano. Depois de intensa pesquisa, encontra-a, finalmente, na Hungria. Ela a reconhece, mas o avisa de que tem uma doença venérea. Adrian, mesmo assim, decide manter relações sexuais com a mesma e acaba contraindo o “mal francês” (que é a sífilis, mesma doença que Nietzsche tinha). Para tratá-la procura um médico, o qual, no entanto, falece durante o tratamento. Adrian, então, procura um substituto, mas o tratamento malogra novamente em virtude da prisão do novo médico. Diante de dois misteriosos insucessos seguidos, Adrian desiste de procurar tratamento e a doença, enigmaticamente, retrocede.

Eventualmente, Adrian muda-se com um amigo para Palestrina, na Itália, onde sucede um acontecimento terrível: Adrian tem um encontro com o Diabo. Este lhe faz a seguinte proposta: oferece-lhe 24 anos de intensa e festejada produção artística em troca, é claro, da alma de Adrian. Leverkühn aceita. O interessante é que esses 24 anos começariam a ser contados desde 5 anos e um dia antes, ou seja, desde o episódio envolvendo Adrian e Esmeralda, a prostituta de jaqueta espanhola. É como se, naquele momento, Adrian, ao aceitar manter relações com Esmeralda, já tivesse celebrado o pacto demoníaco.

Com o tempo, a saúde de Adrian piora (ele herdara de seu pai enxaquecas terríveis). Zeitblom compara a piora da situação de Adrian com a piora da situação da Alemanha na Primeira Guerra. Há, de fato, aí, um paralelo claro sendo estabelecido por Thomas Mann (discutiremos isso mais adiante).

Embora com a saúde cada vez mais precária, Adrian compõe proficuamente. Suas duas últimas grandes obras são: uma peça baseada no Apocalipse de São João e nas ilustrações de Albrecht Dürer; e uma outra obra sinfônica chamada "A lamentação do Doutor Fausto" (daí o título da obra).

Em 1930, Adrian, com o auxílio de Zetiblom, reúne cerca de 30 pessoas para dar-lhes uma prévia da sua última peça. Antes de executá-la, Adrian conta toda sua história: seu pacto com o Diabo, o caro preço que havia de pagar, seu desespero profundo e o inevitável - e já próximo - desfecho de sua história. Algumas pessoas abandonam a sala enquanto Adrian ainda fala. Depois da apresentação, Leverkühn senta-se ao piano, toca um acorde pungente e cai desacordado. Viverá, em demência, mais dez anos, quando, então, morrerá. Ao seu enterro, compareceu uma misteriosa senhora oculta por véu. Quando as primeiras pás de terra foram deitadas sobre seu caixão, a senhora desapareceu.

Aqui termina a história.

Antes de analisarmos o livro, recuperemos os pontos principais da trama. Adrian vem de uma família em que seu pai exerce práticas um pouco misteriosas e ocultistas. Ele se muda de cidade e vai morar com o tio (que era luthier e que, portanto, cria em torno do garoto um ambiente musical, despertando nele o interesse por esta arte). Nessa cidade, Adrian conhece Zeitblom. Mais tarde, decide estudar teologia, acreditando dever a música estar subordinada a alguma coisa maior – a ciência divina. No entanto, ele não persiste neste caminho e mostra um claro desinteresse em continuar estudando teologia, correndo o risco de largar a escola antes de concluir o curso. Vai para Leipzig estudar música com um professor particular. Chegando em Leipzig, ele é levado por um carregador de malas, sem o saber, a um bordel, onde encontra Esmeralda, a prostituta de jaqueta espanhola. Assustado, ele foge dela e escreve uma carta para o amigo contando a história. Esse episódio, porém, não acaba aí. Obcecado pela moça, Adrian volta ao bordel, não a encontra mais, obtém informações e acaba procurando-a por várias cidades européias, terminando por achá-la numa cidade húngara. Lá, ela lhe diz que está contaminada com uma doença, mas ele, mesmo assim, transa com ela e fica doente de sífilis. Quando tenta resolver o problema, não consegue, porque os dois médicos que ele consulta são desativados misteriosamente – um pela morte, outro pela justiça. No entanto, aparentemente bom, ele desiste daquilo e vai morar em

Munique, onde freqüenta a casa de uma senadora e suas duas filhas, Clarissa e Inês. Depois, coadjuvado por um amigo mais próximo, vai para Palestrina, na Itália. Nessa estada, acontece um encontro muito interessante com o demônio, quando Adrian compreende que sua ampulheta já havia começado a correr desde cinco anos e um dia antes (quando ele fora contaminado) e o Diabo propunha 24 anos (incluído aí esses 5 anos) em que Adrian teria sua ajuda para produzir uma notável e incrível obra musical, com a condição de que ele não amasse ninguém e que aceitasse que seria levado embora no final disso. Ele faz várias tentativas de negociar, mas acaba se dando conta de que ele já havia de algum modo negociado isso antes, ou seja, que sua própria auto-contaminação era uma espécie de assinatura contratual. Ele volta com o amigo de Palestrina e se isola completamente, produzindo obras que aos pouquinhos são lançadas até que aparece um sujeito (provavelmente o Diabo em pessoa) que lhe propõe torná-lo uma pessoa muito famosa. Adrian recusa. Torna-se cada vez mais solitário, até que um dia aparece um menino de 5 anos, filho de sua irmã Ursula, extraordinariamente bonito, e que misteriosamente começa a adoecer e sofre terrivelmente. Isso cria uma situação de absoluto desespero e tristeza naquelas pessoas. Adrian atribui aquilo à ação do Diabo, porque ele (Adrian) teria rompido seu acordo de não amar ninguém – tendo se interessado por uma moça e, também, por um spalla, o qual ele, engenhosamente, envia para a morte. No final de tudo, ele reúne umas 30 pessoas, para contar essa história. Depois que o fez, tem uma síncope, cai no chão e torna-se um sujeito inválido pelos próximos anos de sua vida. Dura mais dez anos em um estado vegetativo (ele aqui já não tinha mais alma, a qual, de fato, tinha sido levada embora) e morre em 1940.

É isso? Pois bem: eu queria começar a análise dessa história perguntando a vocês se você prestaram bem atenção na relação entre o Zeitblom e o Leverkühn. O que um parece ser do outro? O duplo, claramente. O Adrian e o Serenus são a mesma pessoa. É claro que o Thomas Mann não faz isso de maneira simplista e esquemática. Ele não faz, por exemplo, os dois morrerem no mesmo dia. Porque isso seria facilitar muito as coisas. Esse duplo não é um duplo real, mas apenas um duplo simbólico.

Por que esses dois são duplos um do outro? Eles têm, em princípio, nomes complementares. Enquanto um representa a serenidade, a espera do amadurecimento, o outro representa uma espécie de impetuosidade. Não é assim? Mas eles têm quase a mesma idade (o Zeitblom é dois anos mais velhos que o Leverkühn) e o mesmo histórico. E se vocês lembrarem da história, verão que o Zeitblom não sai do pé do Adrian. Ele passa a vida inteira indo morar perto dele, fazendo as mesmas coisas que ele, freqüentando a mesma escola. Ele só não é músico; é filósofo. Também não sei se vocês repararam

que um é católico e o outro é protestante. Isso não dá para vocês a sensação de que esses dois são uma espécie de herança da Alemanha. É como se a Alemanha fosse o conjunto dessas duas coisas. Eles são duplos na medida em que dentro da mesma pessoa há a potência da serenidade e da impetuosidade. É como se esses dois fossem dois aspectos complementares da mesma pessoa. Vocês não têm essa sensação?

O Thomas Mann, na verdade, não lida muito com duplos. Quem mais faz isso é o Kafka. Na obra de Kafka temos duplos o tempo todo. Mann não costuma fazer isso. Mas aqui temos um duplo, claramente. E o que há dentro do Adrian que nos permite dizer ser ele uma potência específica de uma mesma pessoa? Veja que todo mundo tem isso. Mesmo na pessoa mais civilizada, com todas as condições de ser uma pessoa calma e controlada, há uma potência à rebelião contra alguma outra coisa.

Então, o primeiro passo é notar que há uma semelhança, uma equivalência entre essas duas pessoas: Serenus Zeitblom e Adrian Leverkühn.

Se estamos de acordo quanto a isso, avencemos: como essas duas potências se manifestam ao longo da história? As duas o fazem, não? Qual dos dois sobrevive? O Zeitblom. O que que acontece com Adrian? Ele morre. Se você quiser comparar, alegoricamente, tais personagens com a Alemanha – porque há, nessa obra, seguramente, um potencial alegórico indiscutível, embora ela não se esgote nessa ligação entre a vida de Adrian e a Alemanha; ela não é, apenas, uma crônica de época – podemos concluir que a mesma alma nacional pode ter a potência da vida e a potência da morte. A potência da vida simbolizada pelo Zeitblom e a potência da morte simbolizada pelo Leverkühn. Mas isso é apenas secundário e alegórico. Tentemos continuar fazendo uma interpretação dessa obra que possa atingir mais que o mundo alemão de 1943 e que, portanto, possa servir para nós, agora, em 2008.

Qual é o grande erro de Adrian Leverkühn? Onde ele se perde? Adrian quer uma porção de coisas, não? Ele quer ser importante, quer dar certo, etc. Mas ele quer uma outra coisa maior que isso: ele quer salvar a música. Ele, na verdade, achava que a música é um subcapítulo da teologia (os luteranos também pensam assim). Ele vai para a escola de teologia, descobre que não é isso e volta com o objetivo de ficar apenas com a música. É como se o Adrian Leverkühn achasse que a música pode substituir a religião. Vocês compreenderam que é isso que ele pensa, no fundo? Ele achava que aquela dedicação à música devia ser desvinculada de qualquer outro interesse, porque a música e a religião seriam a mesma coisa. Como a música e a religião são a mesma coisa, elas são substituíveis. Por isso ele conclui não haver nenhuma necessidade de subordinar uma

coisa à outra. Essa idéia de que tem de haver uma necessária subordinação da música à religião é uma idéia do Zeitblom. É ele que acha isso, que a arte e a cultura são a civilização. Zeitblom fica de cabelo em pé e perde 14 libras de peso quando freqüenta certas reuniões de intelectuais muniquenses: ele percebe que o que está acontecendo com a Alemanha naquele momento é a desvinculação total e completa da cultura (no sentido de artes em geral) de qualquer processo civilizatório; ou seja, estava acontecendo uma explosão de atividades artísticas completamente desvinculada de qualquer fonte maior – que é aquilo que iria produzir, em última análise, os efeitos que Modris Eksteins diz serem a origem do nazismo. Considerando-se a tensão natural que há dentro de qualquer pessoa entre a ordem e a desordem, entre o sentido e a irracionalidade, entre a possibilidade de submissão e a possibilidade de rebelião, o autor nos diz que a Alemanha, naquela época, pendia para o lado negativo.

Vejam: para os nazistas, a arte também era importante. Havia um ditado nazista que dizia: o homem tem que ser sempre belo. O problema dos nazistas não era o de ser contra a arte, era ter uma perspectiva de arte e cultura desvinculada de qualquer aspecto moral. A Alemanha, nessa época, tornou-se o maior centro mundial de invencionices artísticas, todo mundo ia para lá. Surgiu o expressionismo, uma nova arquitetura e tudo quanto é novidade artística; no entanto, tudo isso só gerou a perspectiva nazista.

Ou seja, o erro fundamental de Adrian Leverkühn foi ter desvinculado a arte dos valores humanos transcendentes à ela (representados pela religião, de alguma maneira). É um erro fruto da vaidade. É dizer assim: "olha, nós vamos nos encarregar de fazer a arte humana agora, porque é ela que vai nos divinizar". Não é isso que o Diabo diz para Leverkühn depois de passados os 24 anos?

Dentro do artista – e, na verdade, de qualquer pessoa – existe uma tensão entre essas duas possibilidades: ver-se como representando algo maior que você ou ver-se como um criador demiurgo como se você fosse Deus em pessoa. Pois o que faz Adrian Leverkühn é dar à arte um status de autonomia existencial, independentemente dos valores que ela deveria representar. Ele estava apenas preocupado com a arte em si. E a arte em si não pode existir independentemente dos seus aspectos transcendentes. Tem de ter alguma coisa que a submeta. Quando você a torna autônoma, você produz uma arte que tem aspectos diabólicos, podendo vir dela um incentivo para uma enorme catástrofe política. A Alemanha nazista nasceu de uma sociedade que era maximamente liberal quanto a novas idéias, novas invenções, etc. Foi nesse período que floresceu o feminismo, a identidade homossexual, a representação das minorias, o relaxamento às censuras aos prazeres, em que se estabeleceram

aquelas boates escandalosas, os cabarés, etc. É nesse ambiente que foi incubado o ovo da serpente do nazismo, do totalitarismo econômico e político. Foi este clima de perda da relação entre a arte e os valores superiores (ou seja, de independentização ou desvinculação do Adrian em relação ao Zeitblom) que se cria a possibilidade de a arte produzir o efeito paradoxal de permitir o surgimento de um niilismo político. Do niilismo artístico nasce o niilismo político. Com isso o governo do país mais culto do mundo foi entregue na mão de uns bárbaros, gente ocultista, todos mágicos, todos associados a entidades ocultistas.

Como você faz um império – o Terceiro Reich – com base na idéia de que só os alemães têm direito à vida? Daí não vai sobrar ninguém no seu império, poxa. Se você quer fazer um império, você tem que chegar para o pessoal da periferia e dizer para eles: "olha, vocês vão ser romanos também, viu?". Se os americanos dessem passaportes americanos, todo mundo virava americano em cinco minutos. Entendeu? Os romanos faziam assim, eles produziram um império dando uma expectativa de cidadania romana para a periferia do império. É isso que tornava o império viável. O nazismo, então, é inviável, porque você está dizendo que o seu império não inclui os outros. Como funciona isso? Você não pode ter um império que está baseado na exclusão de todo mundo. Porque isso é o império ao contrário.

Então, o povo mais inteligente do mundo entrou nessa barbárie. Dentro de cada pessoa individual, há a potência de fazer isso no seu pequeno âmbito – quando escolhemos errado e nos deixamos levar por nossa vaidade. No fundo, essa é uma enorme e fantástica história sobre o narcisismo humano. Poucas coisas são tão capazes de descrever o narcisismo humano quanto esta história que acabamos de ler.

O artista narcisista – aquele que endeusa a si próprio; que olha no espelho e se acha o máximo – este sujeito está o tempo todo tentando assumir o papel de Deus. Quer dizer, ele acha que a sua capacidade de fazer alguma coisa eleva o seu grau existencial. É o contrário do que fazia Bach, por exemplo: quando fazia sua obra, Bach achava que estava mais ou menos descrevendo como os anjos falavam e cantavam. Então, uma coisa é você descrever o que os anjos cantam e chamar isso de sua obra e outra coisa é você achar que a sua obra substitui a religião. É isso que fez Adrian Leverkühn – por isso seu nome significa "viver impetuosa ou agressivamente". No fundo, ele quer tomar o lugar de Deus. É isso que fez, também, a Alemanha. O narcisismo alemão produz esse desvario chamado nazismo, que achava ser capaz de arbitrar quem vai morrer ou viver sobre a terra. É esse problema que, microcosmicamente, está vivendo o Adrian Leverkühn. Ele quer salvar a cultura – e tem até

uma boa intenção, no início – mas ele não compreende o que é a cultura verdadeiramente, porque acha que a cultura e a civilização não são necessariamente coincidentes, que a cultura pode ter uma existência autônoma, e que ela não precisa existir subordinada aos valores transcendentes. E ele buscou apoio para isso nas idéias maniqueístas de seus professores de faculdade. Na hora em que ele aprende que o Bem e o Mal são entidades complementares (sem subordinação do Mal ao Bem), ele passa achar que fazer mal é bom, que o mal em si é bom e que ele não precisa mais da subordinação ao bem para produzir uma obra artística. Haveria então uma autonomia das artes e da música em relação a tudo o mais. Há, aí, uma ilusão demiúrgica, que produz uma arte niilista, aquela arte dos cabarés de Berlim nas vésperas do nazismo. (Há um filme, chamado "O ovo da serpente", de Ingmar Bergman, que conta muito bem essa história – de um outro jeito, é claro; cinematograficamente).

Notem que o Nietzsche é uma das principais caricaturas desse negócio. O que faz o Adrian Leverkühn? Ele faz o que Nietzsche manda todo mundo fazer, que é ter "vontade de poder". A filosofia de Nietzsche é assim: o homem sempre foi um trouxa enganado por dois vigaristas, um chamado Jesus Cristo, e o outro chamado Platão. Esses dois ficaram contando que existe um mundo de idéias e valores que não é esse aqui e nós, "burrões", passamos a acreditar nisso e nos subordinamos a essas duas ilusões, esses dois auto-enganos. O jeito de o humano superar isso é exercer o papel que lhe cabe de assumir e tomar e poder, ou seja, exercer a "vontade de poder" – o homem que é capaz de fazer isso é o "übermensch" (o "super-homem"). Como você faz isso? Criando os critérios morais que vão orientar sua prática. Mas como se faz isso na prática? Começa assim: já que nós estamos enganados por esses dois – Jesus Cristo e Platão – vamos começar fazendo exatamente o contrário do que eles mandaram. Por exemplo: mandaram-nos ser caridosos? Sejamos egoístas. Mandaram-nos ser honestos? Sejamos vigaristas. Mandaram-nos ser simpáticos? Sejamos antipáticos. Então, o que Nietzsche achava era que pela rebelião contra essas duas ilusões humanas – o Cristianismo e o idealismo platônico – o ser humano, dialeticamente, iria construir sua própria existência moral. Esse seria o único jeito de o ser humano ser um ser humano de verdade. Mas não é isso que o Adrian Leverkühn está fazendo? É exatamente isso. Adrian é um tipo nietzschiano.

Esse é mais um dos componentes genéticos do nazismo (e não é estranho que ele tenha nascido na própria Alemanha). Nietzsche, por outro lado, teve uma sífilis, cuja contaminação foi parecida com essa do Adrian Leverkühn, e ele passou os últimos anos de sua vida completamente louco – entre 1980 e 1900: os mesmos dez anos de Adrian Leverkühn. Então, a doença de Nietzsche foi certamente o

modelo da doença de Adrian. Nietzsche também é o sujeito que, ao tentar tomar o poder, enlouquece também.

Você estão percebendo que o que Thomas Mann está dizendo é que tomar o poder enlouquece? Agora, por que é que tomar o poder enlouquece? Porque o louco é o sujeito que perdeu tudo menos a razão – diz G.K. Chesterton, no "Ortodoxia". Louco é o sujeito que perdeu tudo menos a razão. O que faz o louco ser louco é uma racionalidade estúpida, incrivelmente forte. Para o louco tudo tem sentido, tudo pode ser compreendido. Por exemplo: o louco sai na rua achando que todos o estão perseguindo. Se você diz para ele: "pergunte, então, para aquele sujeito se ele está te perseguindo", o louco retrucará: "não, mas ele nunca me *dirá* que está me perseguindo; um perseguidor normal jamais diria que está perseguindo alguém". Portanto, a vida de um louco é uma vida de tão férrea racionalidade, que nada pode ser compreendido fora de um determinado círculo sem saída, uma espécie de *looping*, que você inventou para você mesmo. Adrian, também, tornou-se prisioneiro da própria mente. E quem é prisioneiro da própria mente é louco, porque a única maneira de se obter saúde mental nessa vida é você compreender que tudo em volta de você está coberto de mistérios; que a nossa existência flutua num oceano de enigmas. A única maneira de a gente ser saudável é aprender a lidar com essa situação, o que se faz compreendendo que, embora tudo em nosso redor esteja envolto em mistério, Deus não nos pôs à toa nisso, portanto, há algo que nos protege nesse percurso tempestuoso, nesse mundo de incertezas. Assim, podemos nos sentir um pouco confortáveis. Há uma mão que nos ajuda.

Esse é o único jeito de lidar com isso. Não tem outro. É preciso aceitar os mistérios do mundo em torno e aceitar o fato de que, apesar deles, nós vivemos confortavelmente dentro disso. O louco não é assim. O louco é aquele que tem certeza absoluta de como as coisas são. Adrian Leverkühn é louco. Ele é louco desde o início, quando ele acha que vê no pai dele (o ocultista) a possibilidade de captar os mistérios da natureza. E ele é louco quando ele acha que compete ao ser humano produzir a própria história humana (no sentido de valores humanos). Na hora em que ele tenta colocar a música no lugar da religião, ele "sataniza-se" de alguma maneira. Essa satanização é apenas confirmada pela sua contaminação – mas vejam que os tais bichinhos que se dirigem para o cérebro não são necessariamente os treponemas. Haveria melhor metáfora para a contaminação das idéias? Os bichinhos de que o Diabo fala não são exatamente os treponemas, mas sim as idéias que funcionam como uma sífilis sistemática na mente humana.

Foi a vaidade alemã, a enorme crise narcísica de um povo que fez tudo (a melhor música, a melhor filosofia, a melhor máquina), que o

convenceu de que tinha virado algo como Deus. Associe isso a uma crise econômica muito forte e a uma destruição das bases da cultura (ou seja, à retirada da cultura das suas bases transcendentes), e o que você tem? Uma sociedade enlouquecida e um apoio social ao primeiro maluco que aparecer. Vejam: o povo alemão não queria genocídio nenhum, mas o povo alemão queria alguém que pusesse ordem naquele negócio. É preciso lembrar que nem sempre o povo tem o governo que merece. Eu acho que no caso da Alemanha dessa época isso é verdade mesmo. No caso do Brasil, isso é 100 por cento falso. Nós temos o governo que temos porque merecemos mesmo. Merecemos até pior. Vamos ver se a gente não põe o PSOL na próxima. Para ficar justo mesmo tem que ser do PSOL para baixo – tem que se o PSTU, o cara do cartão verde, etc. Mas no caso alemão, há uma nítida injustiça. É um caso para o resto do mundo pensar, porque, no fundo, não se trata de uma tragédia alemã, mas de uma tragédia humana. Do mesmo modo que uma grande obra de arte alemã é uma realização humana e interessa a todo mundo, essa tragédia também poderia acontecer com qualquer um.

O que há, aqui, é a maior história sobre o narcisismo humano já feita. Porque você acha que pode salvar a cultura, você vende a alma ao Diabo. O que é isso? É colocar a cultura a favor das paixões humanas mais baixas. É isso que é o Diabo, sob o ponto de vista da terra, do mundo – já que ele tem diversos níveis existenciais. Do ponto de vista mais baixo, o que ele é? A paixão pela matéria, pela glória da terra, a falta de olhar para o céu, etc. É tudo isso que o Adrian Leverkühn fez. Quer dizer, ele atirou-se dentro de um precipício, de um abismo.

O que se pode dizer da obra de Thomas Mann (e este livro não é exceção) é que ele está sempre retratando situações em que se está a um passo de abismo. O que aconteceu, aqui, é que o Zeitblom não pula e o Adrian pula no abismo da vaidade humana. Isso destruiu Adrian. Ele não teve nenhuma Redenção. Ele foi completamente destruído - do mesmo modo que a Alemanha foi completamente destruída pela sua experiência narcisista.

Por fim, notem: toda vez que há um desastre civilizatório no mundo – qualquer que seja ele – a responsabilidade, no fundo, sempre será daqueles que fizeram a agenda da mente alheia. Ou seja, tudo cai na primeira casta. É ela que tem a responsabilidade de cuidar para que a sociedade não se "descivilize", porque a civilização é uma coisa tão frágil, que um povo com mil anos de história civilizatória (como os alemães) joga toda sua cultura no lixo em três ou quatro anos. Ou seja, a civilização é uma coisa tão frágil, que se você não cuidar dela o dia inteiro ela vai embora em quinze minutos.